

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

**MARLENE VASCONCELOS MORAES DE OLIVEIRA**

DE CLONES A SESTRAS:  
MEMÓRIA E IDENTIDADE PELAS LENTES DA SÉRIE ORPHAN BLACK

Rio de Janeiro

2019

MARLENE VASCONCELOS MORAES DE OLIVEIRA

**DE CLONES A SESTRAS:**  
MEMÓRIA E IDENTIDADE PELAS LENTES DA SÉRIE ORPHAN BLACK

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Antônio José Barbosa de Oliveira

Rio de Janeiro  
2019

Ficha catalográfica

306.4

O48c

OLIVEIRA, Marlene Vasconcelos Moraes de.

De Clones A Sestras: Memória e Identidade pelas Lentes da Série Orphan Black / Marlene Vasconcelos Moraes de Oliveira. - 2019.

57 f.

Orientador: Antônio José Barbosa de Oliveira

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, 2019.

1. Memória Individual. 2. Memória Coletiva. 3. Identidade. 4. Orphan Black. I. Oliveira, Antônio José Barbosa de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. III. Título

**MARLENE VASCONCELOS MORAES DE OLIVEIRA**

DE CLONES A SESTRAS:  
MEMÓRIA E IDENTIDADE PELAS LENTES DA SÉRIE ORPHAN BLACK

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 02 de julho de 2019.

---

Prof. Dr. Antônio José Barbosa de Oliveira  
Orientador

---

Prof. Dr. Robson Santos Costa  
Membro interno

---

Prof. Dr. André Vieira de Freitas Araújo  
Membro interno

Dedicado a Maria da Conceição Dias,  
Bibliotecária que transforma vidas.

## **AGRADECIMENTOS**

Estava convicta que sabia muito de Biblioteconomia quando ingressei na UFRJ. Hoje, tenho a completa certeza que tenho muito mais que a graduação a aprender. Ser bibliotecário está além de assistir às aulas, participar de eventos acadêmicos e/ou estágios de Biblioteconomia. A vivência com a área abre caminhos para conhecer um universo de ideias e temas em que se pode trabalhar com a informação.

Esta graduação jamais seria concluída caso eu não ingressasse no Colégio Pedro II - Campi Humaitá e não tivesse conhecido a bibliotecária escolar Maria da Conceição Dias. Além de apresentar-me a área, apoiou meu projeto voluntário na Biblioteca Professor João Baptista de Mello e Souza e apresentou a todo o Colégio. Muito obrigada por mediar-me como estudante de biblioteconomia e cidadã. Tenho minha eterna gratidão à minha amiga e futura colega de trabalho.

O mesmo projeto citado acima também teve o apoio de Larissa Bezerra Lopes e Caio Márcio Rocha Ramos, que participaram do início ao fim, mesmo quando ninguém mais estava. Amigos que o colégio me deu e que demonstram carinho pela área em que eu atuo.

O ingresso à faculdade me deu oportunidades de conhecer professores e mestres brilhantes. Meu orientador, Antônio José Barbosa de Oliveira e os professores André Vieira de Freitas Araújo, Danilo Pestana de Freitas, Delana Galdino de Oliveira, Juliana Horta de Assis Pinto, Marianna Zattar Barra Ribeiro e Robson Santos Costa são nomes que, não só me instruíram a ser um profissional melhor, mas também foram inspirações e apoiaram-me muito academicamente.

Não só os professores, mas a todos os alunos que passaram durante a minha graduação e acrescentaram à minha formação, especialmente Keison Mamud Honorato, Gisele Araujo de Lima, Cecília Gabriele da Silva Ferreira.

Ao longo da faculdade, estagiei em dois locais que me acrescentaram muito como profissional. Agradeço aos funcionários do Colégio Marista São José - Barra pelo aprendizado em Biblioteca Escolar. E à Giselen Pestana e Maura Lyra, bibliotecárias da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), por terem me fomentado a escrever artigos, melhorado o máximo possível meu rendimento na graduação. Ensinar-me muito sobre o mercado de trabalho de um bibliotecário no mundo atual.

Não só suporte acadêmico tive durante minha vida: minha família deu-me todo o suporte ao meu ingresso na faculdade, todos os eventos acadêmicos que gostaria de participar e compreensão da minha ausência na família nestes momentos. Meus pais, Paulo Moraes de Oliveira e Simone de Melo Vasconcelos Moraes de Oliveira, que me deram todo e qualquer amparo possível desde o momento em que eu abri os olhos pela primeira vez. Minha irmã, Helena Vasconcelos Moraes de Oliveira, com seu amor e carinho nos momentos em que eu mais precisei.

Há, também, minha madrinha Andréa de Melo Vasconcelos Fróes, seu marido Lúcio Mauro Gonçalves Fróes e seus filhos Lúcio Júlio e Mariana, que deixaram a casa de portas abertas para conseguir ter um melhor desempenho acadêmico tanto emocional quanto de locomoção à Cidade Universitária.

E às amizades que fiz antes, durante e depois da faculdade que, mesmo não sendo da área, obtive trocas de conhecimentos de ambas as partes. Meu agradecimento à Thyelle do Carmo Pessoa, Assis de Andrade Júnior, Carlos Eduardo Soldera Biancalana, Edson da Silva Mendes, Eric Leonardo Rocha, Giovana Maria Melle Brandi e família, Joanna Grilles Valladares, Leine Açucena Garrefa, Lisa Schramm Ferrão, Matheus de Oliveira Almeida e Paulo César Silva Filho.

*“Vida é memória. Dei pra pensar que tudo que há de  
mais vivo em mim foi aquilo que já se foi.”*

*(Martha Medeiros - Divã)*



## RESUMO

A memória e a identidade são conceitos-base analisados no seriado de ficção científica canadense *Orphan Black*, co-criado por Graeme Manson e John Fawcett. Seu enredo traz a existência de um projeto de clonagem humana executado pela corporação de biotecnologia DYAD, onde clones femininos e masculinos são implantados em mulheres inférteis. Dissertase a importância e a influência da memória na construção da identidade do indivíduo através das relações entre memória e identidade em algumas personagens-clones da série estudada. Leva-se em consideração a aproximação entre os conceitos de memória e identidade o eixo analítico central através da influência da memória tanto no comportamento social quanto na formação de identidade de um indivíduo. A metodologia do trabalho teve abordagem qualitativa, pois a pesquisa foi realizada com o campo de pesquisa documental através da análise dos episódios da série televisiva e as produções de revistas em quadrinhos lançadas posteriormente, relacionando os conceitos teóricos às personagens da série. A partir dos autores Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Joël Candau, a pesquisa pôde estabelecer duas linhas conclusivas: a memória individual e a memória coletiva juntas formam o complexo que caracteriza os perfis identitários das clones; e as memórias construídas conjuntamente operam constantes mudanças do comportamento no grupo das clones.

**Palavras-chave:** Memória Individual. Memória Coletiva. Identidade. Orphan Black.

## **ABSTRACT**

Memory and identity are basic concepts analyzed in the Canadian science fiction series *Orphan Black*, co-created by Graeme Manson and John Fawcett. Its plot brings the existence of a human cloning project run by the biotechnology corporation DYAD, where female and male clones are implanted in infertile women. The importance and influence of memory in the construction of the identity of the individual through the relations between memory and identity in some clone-characters of the series studied is discussed. It takes into account the approximation between the concepts of memory and identity the central analytical axis through the influence of memory on both social behavior and the identity formation of an individual. The methodology of the work had a qualitative approach, since the research was carried out with the field of documentary research through the analysis of the episodes of the television series and the comic strips produced later, relating the theoretical concepts to the characters of the series. From the authors Maurice Halbwachs, Michael Pollak and Joël Candau, the research was able to establish two conclusive lines: individual memory and collective memory together form the complex that characterizes the identity profiles of the clones; and the memories built together operate constant behavior changes in the group of clones.

**Keywords:** Individual Memory. Social Memory. Identity. *Orphan Black*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	<i>The Clone Club</i> .....	27
<b>Figura 2</b>	Rachel Duncan.....	29
<b>Figura 3</b>	Elizabeth “Beth” Childs.....	31
<b>Figura 4</b>	Alison Hendrix.....	33
<b>Figura 5</b>	Cosima Niehaus.....	35
<b>Figura 6</b>	Helena.....	37
<b>Figura 7</b>	Sarah Manning.....	39
<b>Figura 8</b>	Esquema da Descoberta de LEDAS Existentes.....	41
<b>Figura 9</b>	Katja Obinger.....	41
<b>Figura 10</b>	Krystal Goderitch.....	42
<b>Figura 11</b>	Tony Sawicki.....	43
<b>Figura 12</b>	Veera Suominen (M.K.).....	44
<b>Figura 13</b>	Miriam Johnson.....	45
<b>Figura 14</b>	Jennifer Fitzsimmons.....	45

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>MEMÓRIA.....</b>	<b>17</b>
2.1	MEMÓRIA COMO FENÔMENO INDIVIDUAL E COLETIVO.....	19
2.2	MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	21
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>O PROJETO LEDA.....</b>	<b>26</b>
4.1	RACHEL DUNCAN.....	29
4.2	ELIZABETH CHILDS.....	31
4.3	ALISON HENDRIX.....	33
4.4	COSIMA NIEHAUS.....	34
4.5	HELENA.....	36
4.6	SARAH MANNING.....	39
4.7	OUTRAS CLONES.....	40
<b>5</b>	<b>IRMANDADE CLONE.....</b>	<b>47</b>
5.1	O DIÁRIO DE HELENA.....	50
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Todo ato *mnemônico* é também um ato de interpretação e ressignificação das experiências vividas num passado, à luz das condições de um presente. A Memória é, de um modo geral, a capacidade de pensar, sentir e armazenar informações. Estas definições caracterizam os estudos da memória em sua interdisciplinaridade e podem ser analisadas em diferentes perspectivas: memória individual e memória coletiva; memória social e memória artificial; memória e identidade; entre outros.

A análise da memória, fruto dos estudos das ciências sociais, permite compreender os fenômenos em que esta torna-se informação, através de seu registro realizado em suportes informacionais (livros, periódicos, diários, materiais digitais e audiovisuais, entre outros). Partindo deste princípio, as áreas de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia juntamente com o campo da Ciência da Informação dedicam seu trabalho à compreensão da memória como fonte de informação e conhecimento.

A circulação da informação, em um contexto tecnológico, ganhou ampliações com a chegada dos materiais digitais e da internet, permitindo que estes suportes informacionais percorressem em contexto global. Um desses materiais foram os conteúdos audiovisuais lançados na televisão, que, atualmente, são disponibilizados também por serviços de *streaming*.

O conteúdo televisivo, como telenovelas e séries, é baseado em como a sociedade se comporta naquele momento (com exceção de conteúdos de época, nos quais eles pontuam os acontecimentos em um determinado período temporal). Esses conteúdos são o reflexo do pensamento da sociedade em determinado momento, servindo de estudo da memória e identidade desta. Com este pensamento, esta pesquisa relacionou os conceitos de memória e identidade com a série televisiva e contemporânea *Orphan Black*.

*Orphan Black* é uma série de televisão de ficção-científica e suspense produzida pela *Temple Street Productions*, associada pela *Space* (Canadá) e *BBC America* (Estados Unidos da América). Composta de cinco temporadas, totalizando cinquenta episódios, a série estreou em 2013 e finalizou em 2017. Pelo seu sucesso, a série foi indicada a cerca de 75 prêmios e vencendo ao menos 50 destes.

A série foi disponibilizada no Brasil através do canal fechado da *BBC* (denominado *BBC HD*) durante três temporadas consecutivas. Após isso, o serviço de *streaming Netflix* comprou seus direitos e disponibilizou as três temporadas completas e, após o lançamento de todos os episódios na *BBC*, as novas temporadas.

Estrelada em peso pela atriz Tatiana Maslany (vencedora de cinco prêmios, incluindo Melhor Atriz), que interpreta inúmeros papéis no decorrer da trama, apresenta a personagem Sarah Manning, uma *punk* rebelde atrás de uma vida melhor para ela, a sua filha e o irmão adotivo. Voltando a Ontário de trem, em busca de sua família, Sarah presencia uma cena de suicídio de uma mulher idêntica a ela e assume sua identidade. Sarah acaba descobrindo que a personagem falecida não só era idêntica, como ambas eram clones. Conforme a história segue, Sarah descobre que existem centenas de clones no mundo.

No decorrer da trama, desvenda-se um experimento criado pelos militares orientados pelos doutores Ethan e Susan Duncan, no qual foi silenciado e dividido em duas operações autônomas: o Projeto LEDA, experimento de clones femininos recrutados pelo Instituto DYAD; e o Projeto CASTOR, experimento de clones masculinos encarregado por uma facção militar.

O Projeto LEDA obteve 274 clones implantados e gerados em diversas partes do mundo, onde a família, os próprios e relacionamentos exteriores (denominados monitores) não têm nenhuma ciência do estudo e de seus objetivos. Enquanto o Projeto Castor foi monitorado e assumido por Virginia Coady, uma cientista e conselheira dos militares, que criou os clones juntos e os transformou em um exército.

Baseado em autores clássicos do campo da memória e identidade como Michael Pollak, Joël Candau e Maurice Halbwachs, e outros estudiosos da área, a pesquisa analisa somente as clones do Projeto LEDA antes e após as mesmas descobrirem suas origens genéticas, e problemas biológicos decorrentes da experiência de clonagem, por cada uma delas nascerem em locais e famílias diferentes, carregando uma bagagem histórica, cultural e histórias de vidas distintas, que incidiram na formação identitária de cada uma delas.

Através das leituras dos artigos mais recentes “Informação e Memória: aproximações teóricas e conceituais” (SILVA; CAVALCANTE, 2018), “O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil” (OLIVEIRA, 2011) e “Clonar, testar e substituir: efeitos das tecnologias genéticas sobre a identidade pessoal” (FURTADO, 2017), o estudo busca aprofundar os conceitos de autores renomados com os conhecimentos atuais entre memória e identidade através da Ciência da Informação — campo onde analisa as propriedades e o comportamento da informação preocupando-se com sua disseminação. Partindo deste princípio, apresenta-se a questão-problema desta pesquisa: é possível inferir que a memória coletiva afeta o comportamento e constrói a identidade de uma LEDA em sociedade?

A pesquisa justifica-se pela difusão de percursos criativos visto na contemporaneidade através de série televisiva — questionamentos pessoais levantados na série *Orphan Black* — com os conhecimentos produzidos pela Universidade, através de conceitos de memória e identidade estudados em disciplinas durante o curso.

A escolha em estudar séries televisivas deu-se por serem um tipo de registro audiovisual, onde seu público interage através de uma rede de informação descentralizada (*sites, blogs* e mídias sociais), trocando informações e experiências após assistir aos episódios, resultando em pesquisas mais aprofundadas sobre assuntos abordados na série escolhida. O conhecimento retratado nas séries é inspirado na comunicação científica e divulgado através da ficção para o público, no qual desperta interesse em áreas científicas. As séries, também, espelham-se no pensamento construído da sociedade em sua época, tornando-as registros de memória e identidade social. Em vista disso, a escolha da série televisiva *Orphan Black* para a finalidade deste estudo é pertinente.

A guarda da memória do conhecimento dessa sociedade é a preservação e conservação da informação. Assim, o bibliotecário deixou de ser o guardião da biblioteca com a finalidade de preservação da memória para virar um profissional da informação que, além de conservar e preservar, dissemina a informação democraticamente. Em tempos tecnológicos, os bibliotecários agregaram os novos suportes informacionais (bibliotecas, arquivos e conteúdos digitais) aos já existentes (livros, periódicos, filmes, registros audiovisuais, entre outros). Neste contexto, o constante estudo da memória e identidade interage com a descoberta de novas maneiras de o bibliotecário analisar os suportes informacionais, adaptando-se a era tecnológica.

O objetivo geral do presente trabalho é demonstrar a importância e a influência da memória na construção da identidade do indivíduo através das relações entre memória e identidade em algumas personagens-clones da série estudada, e os objetivos específicos visam conceituar memória e identidade, estabelecer relações entre esses conceitos, contextualizar o ponto de vista narrativo da série *Orphan Black*, mapear as características das clones do Projeto Leda de maneira individual e coletiva.

A metodologia do trabalho teve abordagem qualitativa, pois a pesquisa foi realizada com o campo de pesquisa documental através da análise dos episódios da série televisiva e as produções de revistas em quadrinhos lançadas posteriormente, relacionando os conceitos teóricos às personagens da série, e tornando o estudo explicativo.

O trabalho será composto por três momentos: no primeiro, demonstra-se o referencial teórico utilizado para compreensão dos conceitos tratados ao decorrer da pesquisa (memória, memória como fenômeno individual e coletivo, memória e identidade); no segundo, apresenta a Metodologia de Pesquisa; e o terceiro, a contextualização da série *Orphan Black* e a relação dos conceitos estudados com as personagens dividido em dois capítulos (O Projeto LEDA e Irmandade Clone).



## 2 MEMÓRIA

A Memória é, de um modo geral, a capacidade de pensar, sentir e armazenar informações. “A memória é comumente definida como retenção: a diferença entre entrada e saída ou entre aprender e reaprender, ou simplesmente o que não é esquecido, ou o que é adicionado à experiência.” (EDWARDS, POTTER & MIDDLETON, 1992).

A definição de Memória tem diversos pontos de partida possíveis: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 1990, p. 423). Le Goff (1990) afirma que o estudo da memória trabalha com áreas como psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e psiquiatria.

O pensamento do antropólogo Joël Candau, em sua obra *Antropologia da Memória* (2005), é semelhante: o autor afirma que a biologia é indispensável à explicação da memória e da consciência, assim como a psicologia e a filosofia, onde partem as análises do uso cultural e social da Memória, conceituados à lembrança e ao esquecimento.

De fato, a lembrança e o esquecimento definem o início das pesquisas da Memória na interdisciplinaridade: na nascente dos estudos atuais sempre são citadas a Mitologia Grega (com a memória personificada, *Mnemósine*) e os filósofos Platão, Aristóteles e Santo Agostinho. Este último, em sua obra *Confissões X*, relata o ato de lembrar, no trecho:

Quando aí estou, peço que me seja apresentado aquilo que quero: umas coisas surgem imediatamente; outras são procuradas durante mais tempo e são arrancadas dos mais secretos escaninhos; outras, ainda, precipitam-se em tropel e, quando uma é pedida e procurada, elas saltam para o meio como que dizendo: ‘Será que somos nós?’ E eu afasto-as da face da minha lembrança, com a mão do coração, até que fique claro aquilo que eu quero e, dos seus escaninhos, compareça na minha presença. Outras coisas há que, com facilidade e em sucessão ordenada, se apresentam tal como são chamadas, e as que as vêm antes cedem lugar às que vêm depois, e, cedendo-o, escondem-se, para reaparecerem de novo quando eu quiser. (AGOSTINHO, X)

O ato da lembrança, conforme o trecho acima, é um ato consciente, pois pode-se lembrar no momento em que o indivíduo quiser. Mas também opera uma seletividade e parcialidade: algumas lembranças estão mais afloradas; outras encontram-se em áreas mais profundas da memória. Há também um ordenamento que ressignifica e dá sentido ao ato *mnemônico*, já que as lembranças precisam dar (e ter) um sentido.

A evocação da Memória pode ser relatada por um indivíduo através do registro escrito e/ou oralmente. Caso o indivíduo tenha participado do acontecimento, este relata o que presenciou; em caso oposto, o indivíduo procura formas de encontrar o acontecimento – pesquisa de registros do ocorrido, memórias de outrem (testemunhas) ou comparecimento do local em que ocorreu – para interpretá-lo à sua maneira. Em ambos os casos, a memória pode sofrer mutações e/ou articulações no momento em que está sendo evocada.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. (POLLAK, 1992)

Em vista disso, esta flutuação dita por Pollak é devido ao fato do indivíduo evocar a memória após o momento do evento já acontecido, e, quando da evocação, este indivíduo não é mais o mesmo que presenciava ou vivenciava (direta ou indiretamente) o fato rememorado: no momento da evocação ele obtém e é atravessado por outras memórias, conhecimentos, amadurece e, com isso, afeta o relato decorrente do ato *mnemônico*. Para Pollak (1992), a Memória tem três elementos constitutivos: os acontecimentos, as pessoas (ou personagens) e os lugares, que podem ser conhecidos direta ou indiretamente, de fatos concretos ou projeção de outros eventos. Na evocação mnemônica, grande parte de seu conteúdo depende da forma e das condições desta evocação.

A seleção da memória é, de acordo com Gondar (2016), uma coexistência paradoxal entre lembrar e esquecer: o indivíduo precisa esquecer-se de algo para lembrar-se de outro. Assim, a memória torna-se limitada: “Para que uma memória se configure e se delimite, coloca-se, antes de mais nada, o problema da seleção ou da escolha: a cada vez que escolhemos transformar determinadas ideias, percepções ou acontecimentos em lembranças, relegamos muitos outros ao esquecimento.”. (GONDAR, 2016)

Esta limitação da memória nos restringe a priorizar momentos importantes e esquecer o que achamos ordinários. Mesmo que, aparentemente, situados em extremos opostos, o esquecimento também pode ser definido como memória:

E, quando nomeio o esquecimento e, do mesmo modo, reconheço o que nomeio, como o reconheceria, se não me lembrasse dele? [...] Por conseguinte, quando me lembro da memória, é a própria memória que por si mesma a si mesma está presente; quando, porém, me lembro do esquecimento, não só a memória está presente mas também o esquecimento: a memória, com que me lembro; o esquecimento, de que me lembro. Mas que é o esquecimento senão a privação da memória? Logo, como é que ele está presente, a ponto de eu me lembrar dele, quando não sou capaz de me

lembrar dele, quando está presente? Mas, se conservamos na memória aquilo de que nos lembramos, e se não nos lembrássemos do esquecimento, de nenhum modo poderíamos, ao ouvir a palavra esquecimento, reconhecer a coisa que ela significa: então o esquecimento está conservado na memória. (AGOSTINHO, XVI. 24.)

Santo Agostinho afirma que, se lembramos que esquecemos, então esquecimento também é uma forma de memória. Ao mesmo tempo, nem sempre o esquecimento é consciente e ao mesmo tempo, é parte constitutiva de toda forma de lembrança. como também abordado por Gondar (2016).

Há, também, casos em que a memória é silenciada voluntariamente para haver o esquecimento, como em casos de traumas profundos ou o controle da memória em um determinado local. Pollak (1992) afirma que o silenciamento da memória também é uma forma de ser interpretado como “o enquadramento da memória” e, de acordo com Pollak (1989) a memória não foi compartilhada por falta de escuta, por medo e/ou vergonha, ou por simplesmente não expor um mal-entendido, principalmente em casos de lembranças proibidas, indivisíveis ou vergonhosas. Consequentemente, há que se considerar ainda que se opera uma organização seletiva das memórias que serão transformadas em lembranças: nem todos os eventos serão lembrados e, sendo lembrados, sofrerão determinados enquadramentos operados por processos seletivos. Este fenômeno origina também o que Pollak (1989) refere-se como “memórias subterrâneas”.

## 2.1 Memória como fenômeno individual e coletivo

*“Minha irmã e eu... Nós somos órfãos, sabem? E poderíamos ter acabado em qualquer lugar. Poderíamos ter acabado em qualquer família. E, se fosse assim, seríamos pessoas bem diferentes. [...] Isso me ensinou que todos somos obras misteriosas do acaso, de escolhas, da Natureza versus Criação.” (Felix Dawkins. ORPHAN BLACK. T5E8)*

A personalidade é a primeira definição que um indivíduo tem em mente quando trata-se de memória. A individualidade da memória é voluntária, sensorial, afetiva e sobreposta em camada que envolve a cultura do indivíduo em que está inserido, pois a “memória individual se baseia naquilo que é visto, feito, sentido e pensado pelo indivíduo em determinado momento do tempo” (OLIVEIRA; SIMÕES, 2009). Esta definição comprova a regra de que “a memória está ligada ao corpo”, de Santo Agostinho, em sua obra Confissões:

13. Ali estão arquivadas, de forma distinta e classificada, todas as coisas que foram introduzidas cada uma pela sua entrada: a luz e todas as cores e formas dos corpos, pelos olhos; todas as espécies de sons, pelos ouvidos; todos os odores, pela entrada do nariz; todos os sabores, pela entrada da boca; e, pelo sentido de todo o corpo, o que é duro, o que é mole, o que é quente ou frio, o que é macio ou áspero, pesado ou leve, quer exterior, quer interior ao corpo. Todas estas coisas recebem, para as recordar quando é necessário, e para as retomar, o vasto recôndito da memória e as suas secretas e inefáveis concavidades: todas estas coisas entram nela, cada uma por sua porta, e nela são armazenadas. Contudo, não são as próprias coisas que entram, mas sim as imagens das coisas, percebidas pelos sentidos, que ali estão à disposição do pensamento que as recorda. (AGOSTINHO, Confissões X)

Candau (1996) classifica a memória individual como Memória de Lembranças ou Memória de Alto Nível, pois incorpora vivências, saberes, crenças, sentimentos e sensações, sendo evocada ou recordada voluntariamente e podendo ser evocada artificialmente (como em escritos ou filmagens). Halbwachs (2006) também classifica a memória individual chamando-a de Memória Interior, Interna, Pessoal ou Autobiográfica onde a define como uma memória duradoura e intensa.

A memória organiza-se através da lembrança e esquecimento, de acordo com Pollak (1992), e a memória individual é construída consciente e inconscientemente. “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.” (POLLAK, 1992, p. 204). Ele ainda afirma que a memória individual fornece uma fonte de história de vida, por meio da história oral. E, apesar de haver que lembranças traumáticas que esperam um momento favorável para serem compartilhadas, estas permanecem vivas por serem “transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações.” (POLLAK, 1989, p. 5). Para este autor, as memórias individuais são fontes tão importantes quanto às documentadas.

Entretanto ao mesmo tempo em que cada pessoa tem sua individualidade em suas vivências, estas estão inserida numa determinada sociedade. “Por mais individuais que sejam as nossas memórias, elas são apesar de tudo estruturadas, e até seus mecanismos cerebrais são afetados pela natureza coletiva, social, do nosso modo de vida de seres humanos.” (ROSE apud CANDAU, 2005, p. 83).

Pollak (1992) concorda com esta visão quando afirma que as memórias são socialmente construídas. Para ele, o indivíduo carrega desde o primeiro instante em que tem contato com outros indivíduos, carregados de memória cultural, política e ética, pois já estão inseridos num contexto social. Esta memória, que ele denomina como memória nacional, é altamente organizada e, se preciso, os grupos “em função da percepção por outras

organizações, é preciso realizar o trabalho de rearrumação da memória do próprio grupo. [...] Cada vez que ocorre uma reorganização interna, a cada reorientação ideológica importante, reescrevera-se a história do partido e a história geral.” (POLLAK, 1992, p. 204).

O antropólogo Candau (2005) afirma que a memória coletiva depende da memória individual para sua formação, mas quando compartilhada, pode alterar-se, pois o indivíduo tem a capacidade de ocultar, esquecer e deturpar. Além disso, Candau critica as ciências humanas e sociais quando afirma que confundir o que é dito, escrito ou pensado dá conta da existência de uma memória coletiva. Ele nomeia esta alteração da memória como *Metamemória*.

A metamemória é por um lado a representação que cada indivíduo cria da sua própria memória, o conhecimento que ele tem dela e, por outro lado, o que ele diz dela. Ela é uma memória reivindicada, ostensiva. Mas exatamente, na sua forma coletiva, ela é a reivindicação partilhada de uma memória que se supõe que o seja. (CANDAU, 2005, p. 99)

Este autor ainda critica a visão de memória coletiva é objeto de confusão por trocar recordações memorizadas com recordações manifestadas; e a indução da existência de memória partilhada através de acontecimentos e lugares memoriais (como comemorações, museus, mitos, narrativas, etc) equivocados por um “falso consenso”.

Além disso, define outro caso de memória coletiva: a *Protomemória*. A *Protomemória* é também recebe o nome de *Memória de Baixo Nível* que é uma memória inconsciente e influencia o sujeito também desta forma. É uma memória repetitiva, tornando-se um hábito.

Halbwachs (2006) tem uma visão semelhante quando afirma que a memória individual é socialmente orientada, pois o indivíduo volta ao seu passado e do grupo a que pertence através dos quadros sociais (a união de lembranças individuais das pessoas de uma mesma sociedade) em que vive. Em sua obra “*Memória Coletiva*”, diz que nossas lembranças são apoiadas em lembranças do grupo, e que toda a memória individual também é afetada pela coletiva: o indivíduo torna-se mais confiante quando evoca a memória com outrem, por acreditar na exatidão da mesma. Além disso, nossas lembranças, apesar de pessoais, são contadas e lembradas por outros, permanecendo-se coletivas.

## 2.2 Memória e Identidade

*“Identidade é uma construção social, rapazes.” (Felix Dawkins. ORPHAN BLACK. T5E8)*

A identidade, para além das questões de ordem biológica, também pode ser considerada como a resultante (CUCHE, 1999) — e não somente o resultado — das interações entre o indivíduo e seu ambiente social, pois sua construção realiza-se nos contextos sociais, sendo também orientada pelas representações e suas escolhas, conscientes ou inconscientes. Para a psicologia social é “um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo.” (CUCHE, 1999).

Para Hall (2006), a identidade sofreu mudanças estruturais na pós modernidade: a “mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.” (HALL, 2006, p. 9). Hall afirma que as identidades modernas não estão entrando em colapso, mas sim em mudança, e esse processo faz com que o sujeito pós-moderno não tenha uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Cuche (1999) categoriza as paisagens culturais de Hall (2006) como elementos em comum do grupo — como nação, vestimenta, idade, sexualidade, classe social, entre outros — em que identidade social de um indivíduo caracteriza-se. De acordo com Cuche (1999), ao mesmo tempo em que este grupo provido de identidade inclui pelas semelhanças, o mesmo também exclui por distinguir de outros grupos, o que categoriza esses indivíduos.

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que venho tentando desenvolver, identidade e diferença são mutuamente determinadas. (SILVA, 2000)

Em outras palavras, a identidade não se constrói somente no interior do indivíduo e por semelhança; constrói-se também no exterior, operando pelas diferenças, pela identificação daquilo que não se é.

Hall (2006) também define o conceito de identidade cultural, que o indivíduo tem o sentimento de “pertencimento” a cultura, seja ela étnica, racial, linguística, religiosa e nacional. Oliveira e Simões (2009) afirma que o sentimento de pertencimento vem quando a identidade cultural “une um determinado grupo em torno de uma visão histórica semelhante, que contempla, passado, presente e futuro” (OLIVEIRA; SIMÕES, 2009) pois constrói este sentimento através de instituições, símbolos e representações culturais.

Assim como a memória tem um âmbito polissêmico e fluido, a identidade também vai pelo mesmo caminho: “a memória se constitui como mecanismo de identificação humana, é a

marca da sua cultura, aproximando os seus semelhantes e distinguindo um grupo dos outros, afirmando sua identidade.” (OLIVEIRA; SIMÕES, 2009, p. 19).

Candau (2008) afirma que a memória modela o nosso comportamento e, com sua perda, o indivíduo não se reconhece ou existe. Para ele, não há identidade sem memória, pois a identidade é reforçada pela lembrança e arrasada pelo esquecimento. “Por outro lado, não pode haver memória sem identidade, pois o estabelecimento de relações entre estados sucessivos do sujeito é impossível se este não tem *a priori* um conhecimento de que esta cadeia de sequências temporais pode ter significado para ele.” (CANDAU, 2008)

A construção da identidade social é dependente das interações com os grupos sociais, sejam eles a família, amigos e demais membros de uma convivência social em relações mais ampliadas. Estas interações são carregadas de memórias coletiva e social, mesmo que sejam memórias herdadas pela coletividade do grupo que o indivíduo pertence, para serem aceitos.

Pollak (1992) nos apresenta uma conclusão semelhante quando diz que “a memória é um constituinte do sentimento de identidade.”, pois tratam-se das construções em conjunto e, tanto a identidade quanto a memória individual sofrem influências do coletivo. Nota-se que o fenômeno da identidade, para ser construído, não prescinde da memória, tanto em sua dimensão individual quanto coletiva.

### 3 METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa tem a proposta de demonstrar relações entre memória e identidade em algumas personagens-clones da série estudada e, por isso, trata-se de uma pesquisa explicativa. De acordo com Gil (2002), a pesquisa explicativa "têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.". A pesquisa explicativa pode ser uma espécie de continuação das pesquisas descritivas, como neste caso: os conceitos de identidade social e memória explicam os acontecimentos que a série aborda.

O estudo delimitou-se em buscar a observação comportamental dos objetos de pesquisa, as personagens, por meio das protagonistas (Rachel Duncan, Elizabeth Childs, Alison Hendrix, Cosima Niehaus, Helena e Sarah Manning) e outras clones do Projeto LEDA.

Para seu desenvolvimento, o campo da pesquisa é documental, pois "enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas." (GIL, 2002, p.46), uma vez que leva-se em consideração os acontecimentos da história de *Orphan Black*.

A série, durante a produção da história na televisão, ganhou três sagas de revistas em histórias em quadrinhos, escritas pelos criadores do seriado televisivo: "*Orphan Black: The Clone Club*"; "*Orphan Black: Helsinki*"; "*Orphan Black: Deviations*", em ordem cronológica. As duas primeiras relatam histórias não contadas durante a série, enquanto a última, conta uma história alternativa em que Sarah impede o suicídio de Elizabeth Childs. Houve, também, o lançamento de uma revista em quadrinhos solo, denominada "*Orphan Black: The Crazy Science*", onde conta a história de Cosima Niehaus e Delphine Cormier logo após o final da série televisiva. Assim, a narrativa da história de *Orphan Black* sofre uma convergência de conteúdos, fenômeno esse denominado transmídia.

A narrativa transmídia refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento. A narrativa transmídia é a arte da criação de um universo. Para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs, em grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que



todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica. (JENKINS, p.48, 2006)

A transmídia fomenta o público a consumir mais do conteúdo que lhe é oferecido por outros meios, com a promessa de que terá uma maior experiência. Para que a pesquisa tivesse a experiência completa e uma análise do todo, esta obteve a coleta de dados através da observação de todos os episódios da série televisiva e a leitura das produções de revistas em quadrinhos lançados posteriormente (com exceção da saga “*Orphan Black: Deviations*”, por ser uma história alternativa). A abordagem desta pesquisa é qualitativa, uma vez que analisa os conceitos de forma observatória.

#### 4 O PROJETO LEDA

*“Apenas uma. Sou algumas. Sem família também. Quem sou eu?” (Katja Obinger, ORPHAN BLACK, TIE1)*

*Orphan Black* conta a história de um experimento militar formado através de pesquisas científicas altamente secretas. Estas formam polaridades com seus profissionais em vista da obtenção do resultado que desejam e, por isso, o experimento dividiu-se em duas operações autônomas: o Projeto LEDA e o Projeto CASTOR. Os cientistas do Projeto LEDA desejam realizar descobertas científicas sem exterminar as cobaias; enquanto o Projeto CASTOR é comandado por cientistas a favor do resultado rápido, independente de quantas cobaias teriam de abrir mão para um propósito maior.

Os doutores orientadores do projeto inicial, antes juntos, foram recrutados pelo Instituto DYAD para dar continuidade ao Projeto LEDA. O Instituto DYAD é um grupo de cientistas que trabalham com a biologia genética e cria o conceito de “Neovolução”, – uma evolução auto-dirigida, com desenvolvimentos científicos de alteração genética e, conseqüentemente física – com o propósito de atingir a perfeição das evoluções da humanidade, livre de doenças e anomalias.

O Projeto LEDA não foi desenvolvido com a finalidade dos clones se encontrarem ao longo da vida e, por isso, foram implantados em mulheres inférteis ao redor do mundo que poderiam engravidar com tecnologia “neovolucionista” e terem bebês perfeitos. As mães das clones LEDA, não sabiam da existência do experimento em que estavam envolvidas, muito menos que suas filhas são patentes de uma corporação, para não alterar os resultados das constantes pesquisas que eram feitas a partir do monitoramento das clones.

O Instituto DYAD, por sua vez, monitorava cada LEDA existente, desde seu nascimento até sua morte, colhendo informações tanto genéticas quanto documentais, através de um parente próximo sem que este soubesse o motivo da coleta dessas informações. Entretanto, o experimento demonstrou nas LEDA um tumor uterino que acarretava numa doença epitelial e, conseqüentemente, levando as LEDA a óbito.

Por essa razão, tanto o Instituto DYAD quanto as clones procuram a cura: o Instituto visa o projeto dar certo para fazer um novo lote de clones, enquanto as LEDAS querem a cura pela vida das mesmas.

Katja Obinger é uma das primeiras clones a contrair a doença e procurar ajuda. Encontra Elizabeth Childs e a informa que ajudaria encontrar a cura. Childs, como detetive policial, investiga e encontra Cosima Niehaus, uma doutoranda de Biologia, e Alison Hendrix, uma dona do lar.

A união de Beth, Cosima e Alison, devido ao conhecimento das clones acarretou num grupo de investigações que autodenominam-se *The Clone Club* (O Clube das Clones, em tradução literal). Cada uma, com suas habilidades acadêmicas, físicas ou financeiras, busca por informações do que são, o motivo pelo qual foram feitas e da cura da doença epitelial de outras clones que procuravam.

A detetive Childs, entretanto, tira a própria vida sem aviso prévio, testemunhado por Sarah Manning que, fugindo de sua vida antiga, assume a da suicida. Como Sarah não conhece Elizabeth, há uma influência de comportamento de Sarah, passando-se pela detetive, e do ciclo de amizade de Childs (amigos, namorado e colegas de trabalho) para com ela. Este é o ponto onde se inicia o seriado e todo o desenvolvimento da trama.

Figura 1 - *The Clone Club*



Fonte: BBC America

A série retrata uma sociedade com clones humanos sendo controlados por uma corporação. No artigo “Clonar, testar e substituir: efeitos das tecnologias genéticas sobre a identidade pessoal”, Furtado (2017) faz uma reflexão sobre clonagem humana em relação à identidade pessoal sob três aspectos: de clonagem reprodutiva, testes genéticos e substituição mitocondrial. Em seu ponto de vista, o argumento ético de que somos seres com liberdade, igualdade e dignos de respeito cai por terra quando há a análise de gêmeos monozigóticos, considerados clones naturais e que a identidade é vista somente como uma concepção

numérica, “pois ela não leva em conta as vivências do indivíduo, mas sim a conservação da unidade de seu DNA.” (FURTADO, 2017, p. 207).

De fato, as vivências dos indivíduos constroem suas identidades, pois sem memória não há identidade, de acordo com Candau (2005). *Orphan Black* demonstra clones que construíram identidades sociais em diversos locais do mundo, pois as interações destas com o ambiente social que se inserem eram distintos, e trazem o sentimento de pertencimento, conforme Cuche (1999) e Hall (2006) afirmaram. Entretanto, após a descoberta das clones que elas são inúmeras e controladas por uma corporação, os contra-argumentos citados durante o artigo de Furtado (2017), são mais fortes.

As clones do Projeto LEDA, ao terem a consciência de que são diversos clones têm suas “memórias, traços de personalidade e habilidades deixam de ser traços pessoais, para serem atribuídos aos esforços da biotecnologia (*ibid.*)” (Furtado, 2017, p. 194), pois o que as clones entendiam como individualidade, liberdade e identidade agora entendem que são cobaias de um experimento de uma corporação. Hall (2006) descreve que há uma perda de um sentido de si, pois há a descoberta de que as clones não são pessoas únicas (descentralização dos indivíduos de si mesmos), mas partes de um projeto de inúmeros clones (descentralização dos indivíduos de seu lugar no mundo social e cultural), denominando “crise de identidade”.

“Os efeitos sobre a identidade não são os únicos problemas éticos suscitados pela clonagem. O procedimento oferece riscos, como má-formação genética e longevidade reduzida, de modo que produzir crianças a partir dele seria inaceitável.” (FURTADO, 2017, p. 195), confirmando o que a série passa em relação à doença epitelial do Projeto LEDA em que as clones iam a óbito em torno dos 30 a 40 anos.

Furtado (2017) afirma que há controvérsias éticas em clonagem humana: o Presidente do Conselho de Bioética americano publicou o relatório “*Human cloning and human dignity*” (Clonagem humana e dignidade humana, em tradução livre) onde refuta a ideia de clonagem de bebês humanos, pois tornaria o processo de procriação em comércio e industrialização, conforme a série retrata com o conceito neovolucionista e os projetos de clonagem humana.

A seguir, apresenta-se as clones do Projeto LEDA: Rachel Duncan, Elizabeth Childs, Alison Hendrix, Cosima Niehaus, Helena e Sarah Manning e outras, apresentadas de forma resumida, na ordem em que as personagens descobrem a existência do Instituto DYAD e do Projeto.

## 4.1 Rachel Duncan

*“Eu não sou minhas irmãs. Sou cria da Neolução.” (Rachel Duncan, ORPHAN BLACK, T4E7)*

Figura 2 - Rachel Duncan



Fonte: BBC America

Rachel Duncan é a única clone do Projeto LEDA completamente ciente do contexto em que está inserida. Filha adotiva dos criadores do Projeto LEDA e CASTOR, os cientistas Ethan e Susan Duncan, Rachel teve uma infância aparentemente normal em Cambridge, local onde foi desenvolvida.

Após o incêndio no Instituto DYAD e seus pais dados como mortos, Rachel tem como seu guardião e monitor o Dr. Leekie, no qual passou a monitorar Rachel e designou monitores para as outras clones do Projeto LEDA. Este explica o Projeto e como funciona o monitoramento a Rachel, instruindo a clone que ela tem uma grande vantagem perante as demais por saber o que ocorre com ela.

— Com seis anos, tornei-me a única LEDA consciente das outras clones. Eu vejo os prontuários para entender como as experiências determinam a personalidade.

— [...] Você sabe sua identificação? [...]

— 779H41. Esse número corresponde a sequências de DNA sintético compostas de quatro nucleotídeos, a patente das clones. É assim que sabem que sou Rachel Duncan, e não Lisa Glynn, 415K98, ou Cosima Niehaus, 324B21. (ORPHAN BLACK, T5E7).

Apesar de ter vantagem às demais LEDAS pelo seu conhecimento, a vida de Rachel gira em torno de experimentos e prontuários enquanto ela queria continuar com sua vida em Cambridge, junto dos pais. A LEDA demonstra até inveja por outras clones por não saberem o que são, mas terem uma família, felicidade e amor, coisas que lhe foram negadas, conforme a revista em quadrinhos “*Orphan Black: The Clone Club #5*” afirma no ponto de vista dela.

Ela pode ter sido criada ciente da situação e por ser o único clone com esse conhecimento, ela pode ter gerado um profundo narcisismo. Ela deve se achar superior. Acho que foi tudo muito clínico. Tudo na vida dela controlado por um único propósito. Ela teria sido criada sem criar laços emocionais para ser uma líder corporativa perfeita, capaz de tomar decisões fundadas na vantagem estratégica. (Cosima Niehaus, ORPHAN BLACK, T2E4)

Ao saber do tumor que estava surgindo em algumas clones, Rachel entra em desespero e tenta conseguir a cura antes das demais com o poder e influência no Instituto DYAD. Esta tem um sentimento de frustração quando percebe que Cosima Niehaus consegue ter um passo à frente do Instituto em suas pesquisas pela sua mente brilhante e que depende tanto dela quanto do Instituto para ter sua cura.

A dependência do conhecimento da cura resulta em alianças instáveis de Rachel com o Instituto DYAD ou com as clones. O comportamento de Rachel é frio e egocêntrico, pois ela não se enxerga como uma clone e trata as outras como objetos. Percebe-se que sempre tentava ter controle de si e das situações do Instituto, à procura de sua cura e liberdade. Todavia, há um descaso da corporação relacionado a clone, que é tratada como uma cobaia igualmente às outras, e muitas vezes com acordos e contratos desrespeitados.

Furtado (2017) cita o Presidente do Conselho de Bioética, no qual afirma que:

O Conselho afirma que a prática violaria princípios éticos como dignidade, liberdade e igualdade, ameaçando a identidade e o senso de individualidade dos sujeitos. Para o indivíduo, a posse de um genoma idêntico a outrem, prejudicaria sua compreensão como ser humano único e o faria viver à sombra de expectativas e comparações.” (*President’s Council on Bioethics apud* Furtado, 2017, p. 194).

Rachel admite em sua última aparição na série: “Desde que eu tinha 6 anos, eu me comparava a cada LEDA. Acredite, a última coisa que eu quero é ver outro rosto igual ao meu.” (Rachel Duncan, ORPHAN BLACK, T5E10), sustentando o argumento que o Presidente do Conselho de Bioética previa com a clonagem de bebês humanos em 2002.

A idade citada por ela foi quando deixou sua vida em Cambridge e tomou consciência de que era uma clone. Houve um acontecimento de ruptura, que pode ser comparado com o

trauma: Rachel, sempre que pode, retorna a sua memória em Cambridge através de um filme que, segundo Pollak (1989) é o melhor suporte de memória, pois se dirige às capacidades cognitivas e as emoções, o que guardamos em lembranças mais pessoais.

## 4.2 Elizabeth Childs

*“Cuide das outras por mim.” (Beth Childs, ORPHAN BLACK, T4E2)*

Figura 3 - Elizabeth “Beth” Childs



Fonte: BBC America

Elizabeth Childs, conhecida por Beth pelos demais, foi uma detetive policial de Ontário, Canadá. É desconhecido como a detetive descobriu sobre o Projeto LEDA e quem o comandava, entretanto, utilizava do seu distintivo para desvendar outras iguais a ela e o motivo no qual fizeram o Projeto.

Através das suas investigações policiais, Childs conhece M.K., uma LEDA *hacker*. Elas fazem uma boa parceria para desvendar o mistério que as cercam e tornam-se amigas, passando a chamá-la de Mika. Beth mantém contato constante com M.K., na qual alerta que Paul a espionava e aconselha a não envolver muitas pessoas no que estavam desvendando para a proteção destas. Assim, esconde a sua investigação do Projeto LEDA de todos que conhece.

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não

encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (POLLAK, 1989, p.10).

Como não contava para ninguém além de M.K., a detetive sofre psicologicamente e pede a terapeuta prescrições médicas de remédios como Allevia, Superprax e Draxfil por apelo pessoal. Beth misturava algumas das prescrições em alguns momentos, além de ser viciada em drogas ilícitas.

Beth é encontrada por Katja Obinger, que começou adoecer e descobriu que além de ter clones, estavam matando-os por toda Europa. A policial pede para Katja como prova amostras de cabelo e sangue, além de certidões de nascimento e passaportes das clones mortas e da própria Katja.

Childs utiliza o seu próprio reconhecimento facial através dos bancos de dados de carteiras de motorista da América do Norte, descobrindo mais duas clones: Alison Hendrix e Cosima Niehaus. Quando encontra Alison e Cosima, Mika insiste que Beth não conte que são clones às duas, Childs conta por acreditar que merecem saber, visto que há *serial killer* das LEDAS na Europa, além de uma doença que poderia afetar a todas. M.K. desaprova e diz a Beth que as deixam em perigo.

A policial forma um time e as envolve indiretamente nos planos dela e de M.K.: Alison Hendrix era a cobertura de Beth fornecendo apoio financeiro, drogas ilícitas e urina limpa (para caso passasse por exames); e Cosima, uma doutoranda de Biologia. Em troca, a detetive dava proteção às demais.

Conforme desvendava com ajuda de Mika sobre o Projeto LEDA, os neovolucionistas estavam atrás de Beth para eliminá-la. Sua última descoberta acarretou em um homicídio errôneo de Maggie Chen, aparentemente uma civil. Em desespero emocional, Beth liga para o seu parceiro Art e este, pela sua lealdade, a encobre, colocando um celular na mão de Maggie, dando a entender que Beth viu uma arma. “Pode-se imaginar, para aqueles e aquelas cuja a vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história.” (POLLAK, 1989, p. 14). Com neovolucionistas a perseguindo e suspensa da polícia, Beth se vê perdida e acaba tirando a própria vida numa linha de trem, local onde Sarah a encontra.



### 4.3 Alison Hendrix

“Nós moramos em Scarborough. Milhões de anos atrás, eu fiz faculdade. [...] Fiz, Cinesiologia. [...] Depois eu me casei e tudo ficou uma droga.” (Alison Hendrix, *ORPHAN BLACK*, T1 E8)

Figura 4 - Alison Hendrix



Fonte: BBC America

Alison é dona de casa no subúrbio em Scarborough, Ontário. Infértil como a maioria dos clones, ela adotou duas crianças com o marido e monitor, Donnie Hendrix e vive uma vida típica suburbana: frequenta Igreja, faz teatro e artesanato, malha em casa e é *soccer mom*.

*Soccer mom* é um termo utilizado pelos norte-americanos para uma mulher casada, com crianças em idade escolar, dona do lar e moradora de subúrbios. Dirigem *mini-vans* e tem uma grande dedicação para acompanhar a rotina esportiva dos filhos, especialmente futebol. São voluntárias para ajudar nos treinos, como arrecadação de fundos, lanche dos atletas e avisa sobre as partidas e treinos, como é mostrado em sua primeira aparição na série.

Ali, como é chamada pelos mais próximos, preza pela boa imagem da vizinhança, criando vínculos onde mora, através de festas em casa e participações de campanhas beneficentes e eventos. Entretanto, Alison é viciada em álcool, mantém uso de drogas e relações extraconjugais ocasionalmente.

Elizabeth Childs encontra Alison pelo banco de dados da polícia e a contata. Childs decide contar a Alison que é uma clone e esta não aceita muito bem esta notícia, pois o que Alison conhecia como sua identidade, agora tem uma multiplicidade de pessoas iguais a ela, pertencentes a uma corporação. Assim, ela também tem uma perda de individualidade.

A entrada de Alison no *The Clone Club* foi pela proteção de sua família, sem ninguém próximo ter ciência disso. Como a clone era apenas uma civil, Elizabeth Childs ensina Alison a atirar com arma de fogo. Muitas das vezes, Alison sente-se inútil no grupo, por não enxergar sua função nele. Como a vida da clone envolve-se em uma rotina ordinária, levanta poucas suspeitas de crimes e investigações e, assim, acobertando as outras clones do grupo.

A clone torna-se neurótica quando descobre que há uma pessoa de seu vínculo monitorando-a constantemente para coleta de dados para o Instituto DYAD. Chega ao extremo de torturar o marido e presenciar a morte de sua vizinha Anysley sem intervenções.

Na história em Quadrinhos *"Orphan Black: A Saga das Clones #3"*, Donnie aceita ser monitor de Alison acreditando ser uma pesquisa realizada pelo Dr. Leekie. Posteriormente, na série televisiva, seu marido descobre o verdadeiro motivo do Instituto DYAD fazer pesquisas sobre Alison este deixa de ser monitor e assassina acidentalmente Dr. Leekie por não travar a arma de fogo que portava. Ele conta a sua esposa, que se torna cúmplice. Este episódio fez com que Donnie soubesse do clube e começa a participar ativamente do grupo.

Vale salientar que muitas vezes Alison é subestimada pelo Instituto DYAD por ser aparentemente uma dona de casa comum e não entende porquê estaria envolvida com Cosima Niehaus, Sarah Manning e Beth Childs. Muitas vezes, a LEDA tem questionamentos pessoais de sua função no grupo, e fica claro que ela não queria envolver-se, apenas gostaria da sua vida de volta, mas ao mesmo tempo gostaria que todas as outras fossem poupadas.

#### **4.4 Cosima Niehaus**

*“Você me deu a vida. E eu sei que pode tirá-la de mim. Mas não pode tirar minha humanidade!” (Cosima Niehaus, ORPHAN BLACK, T5E5)*

Figura 5 – Cosima Niehaus



Fonte: BBC America

Cosima Niehaus foi uma homenagem a Cosima Herter, consultora de ciências de *Hollywood* e Doutora em História e Filosofia da Ciência, Tecnologia e Medicina. Esta personagem é a LEDA mais estudiosa do grupo principal. Natural de São Francisco, deixa sua cidade para realizar seu doutorado na Califórnia. Quando é encontrada por Elizabeth Childs, uma LEDA detetive policial do Canadá, Cosima dispõe-se a estudar sua própria biologia e das demais para descobrir a doença epitelial que as afetam, mudando o curso para Biologia Experimental Evolucionária do Desenvolvimento (*Evo-Devo*) na Universidade de Minnesota.

Meus pais? Bom, eles ainda acham que eu estou na Faculdade, em Minnesota. Eu não falo com eles há muito tempo. O que não é anormal para nós, já que eles são professores e moram em uma casa-barco e vivem bem longe, mesmo, mas... Eles se amam e eles me amam. Mas, nem contei que estou doente porque, se fizer isso, eu iria começar e teria que contar todo o resto, até que eu sou uma clone. Aí, eles iriam saber que tudo é uma mentira. (Cosima - ORPHAN BLACK, T5E5)

Pouco se sabe sobre Cosima, pois a série concentra em suas pesquisas e seus relacionamentos tanto fraternos e amorosos. Demonstra-se a personagem em um equilíbrio entre o racional e emocional: por ser homossexual, demonstra aos demais que sua orientação sexual independe da sua genética.

Cosima conta que Elizabeth Childs aparece para ela e dizendo que precisa de ajuda com Katja Obinger, uma clone alemã que constatou ter a doença. Childs não revela à alemã

quem é Cosima, apenas que tem “um amigo cientista”. Cosima começa a sua pesquisa a partir das amostras biológicas que Katja Obinger disponibilizou de ela e outras clones.

Esta LEDA tem um grau de aceitação de que é uma clone muito maior que as demais, uma vez que trabalha com biologia e genética. Em vista disso, sua memória e identidade não são fragmentadas, conforme Candau (2005) descreve. Entretanto, há uma construção de uma nova identidade após a convivência com as outras clones, fenômeno descrito por Hall (2006) que, a identidade pós-moderna, tem a multiplicidade de identidades possíveis devido a multiplicação de significação e representação cultural, pois “o sujeito pós-moderno, conceptualizando como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.” (HALL, 2006, p. 12).

No decorrer da série, a mesma contrai a doença, larga todos os estudos em Minnesota para dedicar-se apenas a própria biologia e tenta acelerar o processo da pesquisa. Consegue apoio do Instituto DYAD em relação a estruturas laboratoriais para a continuidade de sua pesquisa autônoma, e acaba juntando-se com Scott Smith e Delphine como companheiros de laboratório.

Quando finalmente encontra a cura, Cosima cria uma vacina com Scott e Delphine. Esta viaja pelo mundo com a LEDA e uma lista de nomes de todas as clones existentes, disponibilizada por Rachel. As clones listadas, exceto as participantes do *The Clone Club*, não sabem da existência do Projeto LEDA e, por isso somente Delphine tem contato com elas.

Na revista em quadrinhos “*Orphan Black: The Crazy Science*” conta a história da viagem da cientista com Delphine de Cartagena, na Colômbia, (última cena em que a personagem encontra-se na série televisiva) para o Brasil à procura das quatorze clones listadas no local para vaciná-las.

#### **4.5 Helena**

*“Cópias sujas. Pervertendo a original. A luz Dele. Vou expurgar todas do planeta.”. (Helena, ORPHAN BLACK – T5E9)*

Figura 6 - Helena



Fonte: BBC America

Helena nasceu em Londres, e juntamente com Sarah Manning, são as únicas clones do Projeto LEDA gêmeas. Helena não tem sobrenome como as demais por ter sido o bebê dado à Igreja. O relato na íntegra de Amelia, mãe biológica de Helena, explica como ela e Sarah separaram-se.

Eu só tinha 22 anos em um novo país. Um casal rico me pediu para ser a barriga de aluguel deles. Eles me pagaram, providenciaram um apartamento em Londres e um contrato legal, mas tinha algo errado: eram muitos exames médicos. E eu ouvi o casal conversando com os médicos sobre uma criança sem restrições tradicionais. Uma evolução avançada ou algo parecido. [...] Mas eles não eram um casal, eram cientistas. A criança que eu carregava não era para eles. Percebi que a vida dentro de mim estava em perigo, então eu fugi. Me escondi e tive as duas em segredo. [...] Sim, eu tive gêmeas. Sabia que não podia ficar com vocês, então às escondi. Dei uma ao Estado e outra à Igreja. (Amelia, ORPHAN BLACK, T1E9)

Criada em um convento na Ucrânia, teve uma infância duramente cruel: foi afogada em um balde de cloro e presa em uma pequena sala após o flagrante de uma freira. Este é o motivo pelo qual Helena tem cabelos loiros e ondulados. Esta clone foi solta quando um *prolethean* chamado Tomas veio buscá-la, doutrinando Helena ao grupo extremista religioso no qual acreditava.

Os *proletheans* têm um dogma que a biologia sintética deveria ser feita em nome de Deus. Por isso, os *proletheans* acreditavam que, por Helena ser criada num convento, ela foi escolhida por Deus e era a original entre as clones. Thomas treinou Helena para ser uma

assassina em série, mandava assassinar todas as clones do Projeto LEDA, alegando que elas não eram puras o suficiente para Deus.

Não se trata apenas de herança no sentido material, mas também no sentido moral, ou seja, do valor atribuído a determinada filiação. Sabemos que a memória, bem como o sentimento de identidade nesta continuidade herdada, constituem um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas. (POLLAK, 1992, p. 204).

Helena mata a primeira dentro de uma igreja e entra em crise, pois vê a si mesma morrer. Assim, ela inicia autoflagelação em forma de asas de anjo nas costas. Thomas continua instruindo Helena a matar as LEDAS: esta consegue matar três, antes de encontrar Sarah Manning e não obter sucesso.

Helena é uma das clones LEDA que mais sofrem mudanças comportamentais: suas atitudes, antes cruéis com outras clones, tornam-se dóceis após conhecer Sarah e sua filha Kira, ao descobrir que Sarah é sua irmã gêmea. A “redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade, uma vez que é por meio dos antecedentes históricos que as identidades também se estabelecem.” (WOODWARD *apud* OLIVEIRA; SIMÕES, p. 7). Esta LEDA sempre quis uma família e, ao encontrar Sarah e Kira — parentes diretas e ligadas ao passado —, corre atrás de consegui-la. A ucraniana começa a chamar Sarah de *sestra* (do ucraniano *сестра*, quer dizer irmã) e Kira, de *pleminnytsya* (do ucraniano *племянниця*, que significa sobrinha).

Apesar da resistência de Sarah em aceitar a convivência com Helena, por manter hábitos agressivos, Sarah tenta auxiliar a irmã diversas vezes para conscientizar de que os *proletheans* tem uma cultura extremamente brutal. Sarah cede no momento em que Helena salva sua vida e começa a tratá-la igual às outras clones. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (HALL, 2006, p. 13). Helena tem duas identidades (irmã de Sarah e protetora da original) onde entra em conflito constantemente, causando a “crise de identidade” de Hall (2006).

Esta convivência faz com que Helena repense os princípios dos *proletheans*: o estopim da mudança foi quando forçam um casamento e retiram seus ovários para criar uma gravidez artificial entre Helena e líder dos *proletheans* Henrik Johanssen. A clone descobre que seus ovários são inseridos não só nela quanto em outras mulheres *proletheans*, incluindo a filha de Henrik. Ela foge dos *proletheans*, queima a fazenda em que viviam e entra permanentemente para o *The Clone Club*.

#### 4.6 Sarah Manning

*“Há uma razão para sermos idênticas, Art. Porque as digitais batem e o DNA é confuso. Mas você tem que me prometer que protegerá a mim e a minha filha.”. (Sarah Manning, ORPHAN BLACK - T1E10)*

Figura 7 - Sarah Manning



Fonte: BBC America

Nascida em Londres com Helena e entregue ao Estado, Sarah Manning teve uma vida menos trágica que as outras, mas conturbada. Foi encontrada e levada de casa em casa antes de ser levada por Carlton e adotada aos oito anos de idade através do sistema de adoção em Londres por Siobhan, conhecida como *Misters S* (em tradução literal, Sra. S).

A Inglaterra estava em chamas, Margaret Thatcher atacando a Irlanda, as Malvinas. Ela destruiu o Serviço Social: pobres, imigrantes, sindicatos. [...] Nós éramos um abrigo. Alguns estavam no Serviço Social, ajudando crianças, refugiados, deportados, radicais, esse tipo de pessoas. Este garoto, Carlton, era um bom garoto, um bom homem. Às vezes, ele levava uma criança às escuras para esconder. Você foi uma delas. [...] Tive a chance de adotá-la e me tornei sua guardiã legal. A última vez que soube do Carlton ele estava sendo preso e me advertiu, implorou para que te levasse para longe, que a escondesse bem. Então, eu deixei a minha vida para trás e trouxe você e Felix para cá. (Siobhan, ORPHAN BLACK, T1E7)

A Siobhan não sabia os motivos de Carlton, mas não os questionou e fugiu com seus filhos adotivos para o Canadá. Posteriormente, a série explica que essa fuga custou a DYAD a perda da informação da clone e, por isso, ela não tem um monitor como sua irmã gêmea, Helena. Curiosamente, as gêmeas são as únicas clones férteis: outras clones tentaram engravidar e nunca conseguiram. Em um interrogatório, ela admite que já sofreu um aborto, mas não foi específica na época em que ocorreu.

Sarah não perdeu o sotaque inglês e nem seu estilo *punk* quando mudou-se. Seu comportamento impulsivo trazia relacionamentos amorosos complicados. Fugia por meses de casa e retornava como se nada tivesse acontecido. Em uma dessas fugas, conhece Cal Morrinson, fica um mês em sua casa e foge com 10 mil dólares e o carro dele. Sete anos após, Sarah retorna com filha, Kira, e irmão adotivo, Felix, fugindo de problemas do Instituto DYAD e revela que ele é o pai de Kira.

Muito jovem para ser mãe, Sarah sentia-se presa, e, por isso, deixava sua filha com Siobhan por dias. Esse comportamento resultou na proibição de ver Kira, então a clone envolve-se com Vic, um traficante de drogas, e sai da cidade. Ele é perdidamente apaixonado por Sarah mas totalmente insensato e abusivo. Sarah deixa sua filha com Siobhan por onze meses que, segundo ela própria, foi para mostrar o erro que sua mãe cometeu ao fazer isso. Entretanto, nota-se que a LEDA é que sente-se arrependida e admite o quanto foi egoísta.

Quando retorna, com intuito de fugir com sua filha e irmão adotivo para um lugar melhor, Sarah presencia uma cena de suicídio na linha do trem de uma mulher idêntica a ela, conhecendo acidentalmente Elizabeth Childs nos seus últimos momentos de vida. Sarah, sem conhecimento da situação e desesperada por dinheiro, rouba a bolsa da suicida e assume a identidade dela, não sabendo das possíveis consequências disso.

Durante a primeira temporada da série, Sarah depara-se com a existência das clones, mas não tem a intenção de participar disso. No momento em que compreende que sua família, especialmente sua filha, corre risco, Sarah abandona seu plano inicial e entra para *The Clone Club*.

#### **4.7 Outras clones**

A série deixa pouco da história de algumas clones LEDAS secundárias, nas quais deixam uma breve participação, mas contribuem significativamente para o andamento da história, pois descobrem ou ajudam as seis principais com a cura da doença epitelial, que causam preocupação e medo nas clones: “A descoberta de mutações que conduzem a uma doença



genética gera sentimentos de ansiedade, ira, medo, culpa ou tristeza nos indivíduos afetados e em seus familiares, também suscetíveis ao adoecimento.” (FURTADO *apud* PAPALIA & OLDS, 2017).

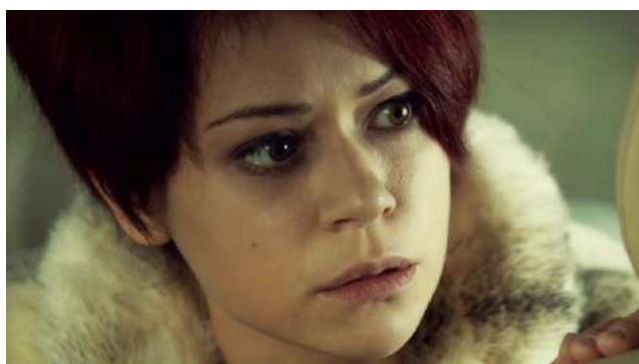
Figura 8 - Esquema da Descoberta de LEDAS Existentes



Fonte: BBC America

Katja Obinger é a primeira LEDA a aparecer além das citadas acima. Conta-se que mora em Berlim, Alemanha, e demonstrou os sintomas da doença epitelial. Ao procurar saber de sua melhora, descobriu que tinha clones e estava sendo perseguida por um assassino em série. Desesperada, procura ajuda e encontra Beth Childs, que alega ter um amigo cientista. A clone chega ao Canadá para entregar amostras de sangue para Beth, mas é assassinada por Helena no segundo episódio da trama, o que não dá muitas explicações sobre ela.

Figura 9 – Katja Obinger



Fonte: BBC America

Krystal Goderitch tem sua primeira aparição através de um vídeo que Delphine Cormier mostra a Sarah Manning quando descobrem que os clones do Projeto Castor tentam sequestrá-la. Krystal é profissional de beleza e Delphine, disfarçada de cliente, vai ao salão onde a clone trabalha para esclarecer melhor os vídeos que descobriu.

Esta LEDA é considerada por Susan Duncan como “uma cobaia ingênua”, pois “tem delírios sobre sua condição, mas é inofensiva” (ORPHAN BLACK. T4E5), mas ajuda Sarah Manning com pequenas pistas para desvendar algo maior. Tem um *vlog* na internet juntamente com sua amiga Brie chamado “*Kay-Bee Natural Beauty*”, onde expõe mentiras da indústria cosmética e, com isso, descobre algumas das empresas envolvidas com o Instituto DYAD.

Figura 10 – Krystal Goderitch



Fonte: BBC America

Tony Sawicki, nascido como Antoinette Sawicki, único caso de clone transgênero visto na série. Morador de Cincinnati, tinha um amigo e monitor, Samuel Dean, e ambos eram ladrões condenados. Samuel, conhecido como Sammy, levou um tiro de um agressor desconhecido e passou uma mensagem para Tony entregar a Elizabeth Childs. Tony liga para o telefone de Beth, mas esta já tinha falecido.

Arthur Bell, o parceiro de Childs, atende o telefone e Tony aparece dois dias depois da morte de Sammy ao seu encontro. Arthur o leva para a casa de Felix Dawkins, a procura de ajuda. Felix chama Sarah Manning para esclarecer a situação da clonagem humana. Após os esclarecimentos, Tony entrega o recado a Sarah e Felix que, em troca, dão um telefone celular para contato em casos emergenciais.

Figura 11 -Tony Sawicki



Fonte: BBC America

Veera Suominen é a segunda clone a saber da existência dos demais. Nascida na Finlândia, em Helsinki, sua trágica história começa com a descoberta de outro clone, Rachel Duncan, dentro do Instituto DYAD, aos seis anos. Conta-se na revista em quadrinhos “*Orphan Black: The Clone Club #5*”, que neste mesmo dia ocorreu o incêndio do Instituto DYAD, e resultou na queimadura de parte do seu rosto.

A série de revista em quadrinhos denominada “*Orphan Black: Helsinki*”, na qual conta a história de Veera antes da chacina de Helsinki: a revista explica que soube de sua monitoração aos 17. Conta-se, também, que a finlandesa tinha Síndrome de Asperger, não ia à escola e não tinha vida social. Sempre muito observadora, notou que algo em seu quarto havia sido movido enquanto dormia e descobre que existe uma câmera. A LEDA foge com as informações que obteve a procura de Niki Lintula e descobre mais seis clones autoconscientes de sua situação.

Em 2006, a *Topside*, empresa de Engenharia Genética que comanda o Instituto DYAD, contrata Ferdinand Chevalier para matar todos os clones da área. Ferdinand chama chacina de Helsinki de “limpeza”, matando 6 clones e 32 mortes de civis por “acidentes”. Veera chega à casa da amiga e a vê sendo enforcada por Ferdinand. Aproveita a oportunidade e foge, sendo a única sobrevivente dessa operação e sendo dada como morta pelo Instituto. Ela passa a utilizar o apelido M.K., devido a sua identificação genética ser “3MK29A”. Após o incidente, vai morar num trailer com localização não identificada.

Sua história é contada juntamente com a de Beth, que tornam-se amigas com a parceria. Com sua habilidade *hacker*, M.K. corre atrás de respostas em vingança da morte de Niki e descobre antes das demais toda e qualquer informação que necessita, tendo o cuidado

de não ser rastreada ou possuir provas contra a mesma. Por isso, M.K esconde-se de todas as pessoas utilizando uma máscara de ovelha (em referência a ovelha clonada Dolly).

Figura 12 – VeeraSuominen (M.K.)



Fonte: BBC America

Além dessas, há clones que aparecem em vídeos ou apenas fotos, relatando uma possível doença respiratória onde as clones começam a tossir sangue, ficam muito fracas e morrem com a mesma idade.

Miriam Johnson, identificada como 528M32, foi a primeira clone a desenvolver o tumor que atingiu a caixa torácica, incluindo os rins. Dr. Leekie, responsável pelo monitoramento geral das clones, esperava a morte natural desta clone para realizar seus exames de autópsia. Entretanto, Rachel Duncan, com acesso aos dados de Miriam pelo laboratório do Instituto DYAD, acelerou o processo de sua morte para realizar um laudo de autópsia e descobrir a cura, antes que a mesma desenvolvesse o tumor. Gerada por mãe alcoólatra, era uma musicista e moradora de rua.

Figura 13 - Miriam Johnson



Fonte: BBC America

Jennifer Fitzsimmons é professora e treinadora de natação da escola Sheldon. A pedidos de médicos, Jennifer aparece fazendo relatórios sobre si mesma em vídeos por encontrarem pólipos em seus pulmões. A mesma conta que estava com problemas respiratórios e os exames não identificaram os pólipos, sintomas da mesma doença respiratória que Miriam Johnson.

Delphine Cormier encontra estes vídeos e mostra a Cosima Niehaus, alegando que Jennifer foi a primeira a sofrer os sintomas e seis meses antes que Katja Obinger. O Instituto DYAD, através do Dr. Aldous Leekie, deu um tratamento (posteriormente dito que foi terapia imunossupressora) à professora, mas não explica maiores informações sobre isso. Conforme os vídeos passam, Jennifer mostra seu namorado e também monitor Greg, além do seu tratamento, que acarretou tosses intensas de sangue e perda praticamente total de cabelo. Esta personagem aparece somente do terceiro episódio na segunda temporada da série.

Figura 14 - Jennifer Fitzsimmons



Fonte: BBC America

Há citações durante a série de clones já falecidos. Helena assassinou três clones na Europa antes de juntar ao *The Clone Club*: Katja Obinger (citada acima), Janika Zingler e Aryanna Giordano.

Ao final da série, Rachel Duncan entrega uma lista ao *The Clone Club*, onde há os prontuários, médicos, telefones e endereços de todas as clones LEDA ainda vivas, para que sejam vacinadas antes de desenvolverem a doença das demais.

## 5 A IRMANDADE CLONE

*“Existe mais que biologia entre nós, Sarah. Há outras coisas.”  
(Beth Childs, ORPHAN BLACK, T4E7)*

Se observarmos o desenvolvimento da trama, na formação do *The Clone Club*, inicialmente, percebe-se a existência de laços afetivos superficiais entre suas integrantes, que deviam confiar umas nas outras a partir das mínimas informações que eram transmitidas para a segurança das mesmas. No início, tinham apenas como interesses em comum: descobrir a cura da doença que afetava outras clones; fugir do(a) assassino(a) que as matavam; descoberta dos monitores que as vigiavam; e a proteção de suas famílias e delas próprias. A cada situação que uma protegia a outra por esses objetivos, estas criavam laços afetivos e um aspecto de empatia, a partir da convivência que estabeleciam.

Com a morte da detetive Elizabeth Childs (Beth), o contato em comum de todas as clones participantes deste grupo, houve uma quebra no sistema de contatos entre elas, que era garantido somente por Beth. A partir da morte desta, não há mais o elo para os contatos. Sarah Manning, sem o conhecimento prévio da história que cerca Beth e desesperada por dinheiro, se passa pela detetive e tenta entender o que acontecia em sua vida.

Após o conhecimento de Sarah em relação às clones e todas descobrirem a morte de Elizabeth Childs, o comportamento das clones que se envolviam com a Sarah passando por Beth mudou completamente: Alison é bastante agressiva por não aceitá-la, enquanto Cosima tenta ser paciente para explicar ao mesmo tempo que procura saber os interesses de Sarah.

Percebe-se que a entrada de Sarah no *The Clone Club*, não alterou seu objetivo, mas teve um novo rumo quando Sarah entra e compartilha as informações que descobre com os membros, além de ter um comportamento impulsivo e emotivo para a resolução dos problemas, diferentemente de Beth. Além disso, Sarah descobre que é uma das únicas clones férteis do Projeto LEDA, juntamente com Helena, a assassina que as perseguia. Há, também, a descoberta de que Sarah e Helena são irmãs gêmeas.

A convivência entre Cosima e Alison com Beth, e posteriormente, as duas primeiras com Sarah e Helena faz com que construam, paulatinamente, uma rede de afetos e memórias compartilhadas, cada uma ao seu tempo. De acordo com Casanave (2008, p.16):

A memória guarda a experiência passada, sustentando e dando continuidade à identidade pessoal. Acontecimentos, sofrimentos, alegrias, prazeres vivenciados constituem, no seu conjunto, a história e a identidade pessoais. Experimentados no passado, têm sua significação para o presente e, inversamente, no presente para o passado.

Assim, as memórias que elas constroem juntas e as memórias de experiências passadas formam conjuntamente as histórias de vidas e uma identidade do grupo que ali se forma, visto que todas as experiências passadas antes da morte de Beth e as descobertas de informações no presente por Sarah, Helena, Cosima e Alison passam a ter uma significação diferente, construindo uma nova perspectiva para *The Clone Club*.

Nota-se que, mesmo Sarah nunca ter conhecido Beth, faz com que Sarah construa uma ligação com esta clone, confirmando os elementos constitutivos de Pollak (1992, p.201): “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.”.

O compartilhamento de memória oral de Alison e Cosima – além de amigos próximos e outras LEDA – em relação a policial (memória herdada), e os acontecimentos vividos quando Sarah vivia como Beth (socialização histórica), são acontecimentos vividos por si próprio e acontecimentos vivido pelo grupo que o indivíduo pertence.

A entrada de Sarah, também, deu um novo olhar ao grupo: não só as clones tem sua autoconsciência, mas todos em sua volta: o parceiro de Beth Childs, Art; a família de Sarah, inclusive a irmã biológica de seu irmão adotivo; e a família Hendrix. Estas pessoas, ao decorrer da história, integram-se ao *The Clone Club*, mesmo que sem querer inicialmente fazê-lo. Por fim, como cada um luta pela liberdade de alguma clone próxima, acaba por envolver-se emocionalmente por todas as outras.

Helena, através de Sarah, descobre que são irmãs gêmeas e decide aproximar-se por encontrar sua família, passa a chamar a irmã de *sestra* (do ucraniano *сестра*, quer dizer irmã). O sentimentalismo, elemento ausente na vida de Helena, faz com que ela busque quando descobre que o tem: a ucraniana aproxima-se de Cosima Niehaus, e da família de Alison Hendrix. Cosima não tem contato constante, mas Alison ajuda Helena grávida recebendo-a em sua casa.

Pollak (1992), em “Memória e Identidade Social”, define que a construção da identidade tem três elementos essenciais: a unidade física, a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência. A aproximação tanto de Sarah quanto de Helena, ao decorrer do tempo (continuidade dentro do tempo), traz a elas um sentimento de pertencimento ao *The*



*Clone Club* (unidade física) pelas memórias construídas em conjunto (sentimento de coerência), pois “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (POLLAK, 1992, p. 204).

Destaca-se que Sarah e Helena passam a chamar Alison e Cosima também de *sestras*, pois o conceito de ser uma *sestra* não é o fato de serem clones, vai além: as memórias que o *The Clone Club* carrega, o sentimento de pertencimento ao decorrer deste tempo, transformam estas clones LEDA em *sestras*. Conta-se ao final da série que Rachel, Alison, Cosima, Sarah e Helena – após conseguirem a liberdade e encontrar a cura da doença epitelial – nenhuma delas quer que o restante do mundo saiba do conhecimento do Projeto LEDA, apenas que se promova a cura das demais. Assim, a vacina chega a outras LEDAS pela Dra. Delphine Cormier, companheira de laboratório e namorada de Cosima.

A palavra *sestra* identifica que as participantes do *The Clone Club* criaram uma identidade compartilhada em um determinado grupo social: configura-se a instituição de um núcleo familiar, que opera pela proximidade biológica e pelo compartilhamento existencial. Apesar de Sarah e Alison claramente já terem famílias constituídas, é evidente que, com a convivência entre os outros membros (clones ou não), a visão que elas têm de família é alargada com a chegada de novos membros. Ademais, a luta pela liberdade modificou a visão de mundo e a concepção de família para todas: antes gostariam de seguir suas vidas ordinariamente, e agora, gostariam de manterem-se unidas, ressignificando em conjunto as vidas individuais. Compreende-se o processo de construção da identidade cultural pela memória, do presente para o passado.

Percebe-se que não há vínculos das LEDAS do *The Clone Club* com Rachel Duncan: esta, por agir somente para em benefício próprio, acaba criando antipatia das outras, e acabam a distanciando. SILVA (2000) considera a identidade e diferença como termos dependentes: tudo que se afirma que a identidade é nos elementos comuns do grupo, implicitamente, a diferença define o que não se é. *The Clone Club* é um grupo social carregado de identidade e, uma vez que ele é união, ele não é individualismo. Logo, Rachel encontra-se na diferença da identidade deste grupo.

Assim, as clones são frutos da convivência entre os membros que, com histórias de vidas diferentes, unem-se e constroem uma história juntos, posteriormente documentada em ucraniano por Helena, em forma de diário.

## 5.1 Diário de Helena

*“Minha história é um emaranhado de vários princípios e nenhum final. Mas vou começar com a história da minha sestra Sarah, que, um dia, desceu do trem e se encontrou com ela mesma.” (Helena. ORPHAN BLACK. T5E10)*

O Diário é um registro de relato de experiências vividas pela clone Helena, que inicia após a sua convivência com a família Hendrix em sua gestação, o que fez com que pudesse pensar o que queria para seus filhos no futuro e passa a relatar num livro suas memórias e suas experiências com suas *sestras* que escreve em ucraniano para eles. “São minhas alegrias, minhas mágoas e tristezas. Assim, eles escolhem um caminho melhor.” (Helena, ORPHAN BLACK. T5E08).

Helena baseava-se nos conceitos morais e comportamentais dos *proletheans*, grupo social no qual foi criada. Quando há aproximação com os membros do *The Clone Club*, houve um conflito intergrupal em relação à construção da identidade da clone, pois os grupos têm conceitos morais, sociais e acolhimento distintos.

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

Percebe-se que a construção da autoimagem de Helena teve referência os elementos dos *proletheans* inicialmente e, quando obteve distanciamento deste grupo e proximidade com *The Clone Club*, sofreu a transformação comportamental dela perante outros indivíduos.

Conforme o convívio de Helena com o novo grupo, esta reflete que não gostaria que seus filhos passassem pela mesma coisa em que viveu: assim como as demais, nunca desejou ser uma clone, mas sim ter uma família, independentemente de como seria composta, mas envolvendo afeto. Assim, Helena inicia um registro da história de suas *sestras* e seu relato de experiências vividas em um Diário, e intitulou a história que conta de *Orphan Black*, o mesmo nome da série.

O diário, enquanto gênero discursivo na perspectiva de Bakhtin (2010), é um objeto de memória, pois o indivíduo tem a capacidade de registrar o passado a partir de suas

experiências e vivências. Quando o diário é escrito, o autor pode ressignificar, pelo ato da lembrança, as memórias e experiências já vivenciadas, por estar ligada a lembrança e ao esquecimento deste indivíduo. Considera esse fenômeno uma metamemória, de Candau (2005).

Ao registrar por meio da escrita experiências vividas das sestras, Helena reivindica suas memórias, construindo sua identidade. Vale salientar que Helena não escreve apenas lembranças pessoais no diário e sim lembranças suas e de suas *sestras*. Muitas memórias são um ponto de vista pessoal de Helena perante a *sestra* em que está relatando a história. Há memórias, entretanto, que lhe foram compartilhadas, construindo uma narrativa através de uma recordação do outro.

Além disso, o diário pode ser posteriormente lido. E quando isso acontece, há uma evocação e compartilhamento da memória individual, o que afeta o leitor diretamente, pois este tipo de relato envolve o fato ocorrido juntamente com o envolvimento sentimental do indivíduo que registra os eventos, não necessariamente vivenciados por algum futuro leitor.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Orphan Black* foi uma série com abordagens, conteúdo e argumentos de natureza interdisciplinar, que envolve áreas como o Direito, Biologia, Medicina, Tecnologia da Informação, Engenharia, Filosofia e História, além das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação com a Memória e a Recuperação da Informação. Cada personagem da série traz informações importantes para o desenvolvimento da história e das áreas citadas, fazendo com o que o telespectador desperte o interesse à procura dessas ciências ou áreas de conhecimento.

Inicialmente, a pesquisa utilizaria — por meio das personagens — a teoria da formação da memória individual como sendo diretamente influenciada pela memória coletiva a partir de Maurice Halbwachs. Entretanto, a pesquisa, para além das relações entre os aspectos individual e coletivo da memória, também buscou aprofundar as relações entre memória e identidade através de autores como Michael Pollak, com a teoria da formação da identidade social; e Joël Candau, nas obras “Memória e Identidade” e “Antropologia da Memória” juntamente com a obra “Memória Coletiva” de Halbwachs. A partir dos autores, pôde estabelecer duas linhas conclusivas: a memória individual e a memória coletiva juntas formam o complexo que caracteriza os perfis identitários (relações entre memória e identidade); e as memórias construídas conjuntamente operam constantes mudanças no comportamento dos indivíduos.

A primeira linha foi a ideia que levou à criação deste trabalho: inicialmente, haveria uma suposição de que as clones seriam uma mesma pessoa, já que estas têm o mesmo material genético e idêntica aparência, mesmo que inseridas em contextos sociais diferentes, e por carregando uma identidade e comportamento únicos. Assim, evidencia-se a perspectiva analítica adotada em relação à obra de ficção-científica, onde apresenta-se personagens biologicamente iguais inseridos nas mais diversas conjunturas sociais e, conseqüentemente, vivenciando culturas específicas: a crença, o discurso, a vestimenta, a reação e costumes de cada clone são resultados das memórias individuais e coletivas de cada uma, construindo suas identidades também tendo como referencial o meio.

As experiências vivenciadas e compartilhadas pelas clones, configurando nelas uma memória comum e uma identidade compartilhada, afetam as memórias e identidades individuais de cada uma delas. Rachel é metódica, tem uma aparência sofrida e fechada, além de suas ações serem racionais e extremamente calculadas. Elizabeth é sentimental, mas introspectiva: tenta não transparecer o que sabe para poupar os demais. Alison é impaciente e

impulsiva: não controla suas emoções e não racionaliza quando se trata da proteção de sua família. Cosima é um equilíbrio do sentimental e racional: tem uma personalidade forte e defende firmemente o que acredita. Helena tem aparência e comportamento selvagem, além da voz rouca. Ela é fiel a si própria, mas quando cria laços ou vínculos, torna-se fiel a estas pessoas também. E Sarah tem um comportamento inconsequente e egoísta, mas com sentimento materno forte por sua filha.

O comportamento de cada LEDA varia de acordo com a sua personalidade individual, adaptada ao meio em que vive. A construção da identidade social é, por sua vez, operada em conformidade às características dos grupos sociais que frequentam. Rachel é metódica e completamente racional por ser criada com pais cientistas e dentro do Instituto DYAD, grupo social completamente corporativo. Elizabeth tem o comportamento introspectivo por ser policial, diferentemente de Alison, dona do lar; Cosima, filha de professores; Helena, criada num convento; e Sarah, adotada por uma mãe *ex-punk rock*.

Algumas destas clones, ao se encontrarem e descobrirem a existência umas das outras, começam a conviver cotidianamente, o que leva à segunda linha de análise adotada na pesquisa: o compartilhamento de afetos e memórias, através das vivências, acarreta mudanças de comportamento em cada indivíduo. Após a convivência entre Elizabeth Childs com Cosima Niehaus e Alison Hendrix, apesar de distante, compartilham memórias conjuntas e constroem uma amizade entre elas. Com a morte de Childs, Cosima e Alison conhecem Sarah Manning e Helena, onde compartilham suas experiências com mais proximidade durante a história, obtendo não só lembranças, mas momentos vivenciados em grupo, onde inicia o longo processo que as transformarão, de apenas clones, em *sestras*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Orphan Black (TV series).** Disponível em: <[http://orphanblack.wikia.com/wiki/Orphan\\_Black\\_\(TV\\_series\)](http://orphanblack.wikia.com/wiki/Orphan_Black_(TV_series))>. Acesso em: 03 abr. 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins e Fontes, 2006.

CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória.** Lisboa, Instituto Piaget, 2005.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2014.

CAPUTO, Denise. **WATCH:** BBC America Releases a Hilarious ‘Orphan Black’ Season 5 Bloopers Reel. Disponível em: <<https://fanfest.com/wp-content/uploads/2017/08/orphan-black-finale-review-season-5-episode-10.jpg>>. Acesso em 10 out. 2018.

CASANAVE, Carlota Maria Ibertis de Lassalle. **As tramas de Mnemosine:** a memória nos primórdios da teoria freudiana. Tese (Doutorado em Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas). Campinas. 2008. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280575/1/Casanave\\_CarlotaMariaIbertisdeLassalle\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280575/1/Casanave_CarlotaMariaIbertisdeLassalle_D.pdf)>. Acesso em: 06 mai. 2019.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais.** Tradução: Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 1999. p. 175-202.

EDWARDS, Derek; POTTER, Jonathan; MIDDLETON, David. Toward a discursive psychology of remembering. **The Psychologist.** Reino Unido, 1992, p. 441. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/287584234\\_Toward\\_a\\_discursive\\_psychology\\_of\\_remembering](https://www.researchgate.net/publication/287584234_Toward_a_discursive_psychology_of_remembering)>. Acesso em: 06 mai. 2019.

FAWCETT, John; MANSON, Graeme; KENNEDY, Hely; TIPTON, Denton. **Orphan Black:** Helsinki. IDW, San Diego, n. 1-5, 2015.

FIGA, Alenka. **What Orphan Black Can Teach Us About Family and Community (Part 2).** Disponível em: <<https://www.themarysue.com/orphan-black-community/>>. Acesso em 12 out. 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa**: Um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FRAZEE, Cassidy. **“Orphan Black” Season 5 Episode Synopses, Titles, and Title Source**. Disponível em: <<http://www.thesnarkingdeadrecaps.com/orphan-black-season-5-episode-synopses-titles-and-title-source/>>. Acesso em 14 out. 2018.

FREITAS, Lídia Silva; GOMES, Sandra Lúcia Rebel. **Quem decide o que é memorável?: A memória de setores populares e os profissionais da informação**. In: FORO SOCIAL DE INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO, BIBLIOTECONOMIA, Buenos Aires, 2004. Anais... Buenos Aires, 26-28 ago. 2004. 11 p.

FURTADO, Rafael Nogueira. Clonar, testar e substituir: efeitos das tecnologias genéticas sobre a identidade pessoal. **Filosofia e História da Biologia**, v. 12, n. 1, p. 189-210, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONDAR, Jô. Cinco Proposições Sobre a Memória Social. **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma Reflexão sobre Arquivos Pessoais e o caso Filinto Müller. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 19, 1997.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo, Aleph, 2006.

KENNEDY, Heli. **Orphan Black: The Crazy Science**. IDW, San Diego, n. 1, 2018.

LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas: UNICAMP, 1994. p. 423-484.

LECHNER, Elsa. Pesquisa Biográfica E Transdisciplinaridade: Uma Produção Em Espiral De Conhecimento. **Inter-Legere - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN**. Natal-RN, n.16, jan./jun. de 2015. p. 161-185.

MANSON, Graeme; FAWCETT, John; HOUSER, Jody. **Orphan Black**. IDW, San Diego, n. 1-5, 2015.

MATHEUS, Leticia. Memória e identidade segundo Candau. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 302-306, dez. 2011.

NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiado**, Rio de Janeiro: Access, 1998.

OLIVEIRA, Rita Lírio; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. O Tempo é Chegado: A Memória Como Meio de Produzir e Preservar Identidades. **Revista Reflexões**, v. 1, n. 1, p. 5-20, 2009.

**ORPHAN Black**. Direção: John Fawcett. Produção: Russ Cochrane; Alex Levine; Claire Welland; Tatiana Maslany; Aubrey Nealon. Canadá: Space; BBC America, 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAMOS, Paula. **Netflix compra os direitos de Orphan Black no Brasil**. Disponível em: <<https://poltronanerd.com.br/series/netflix-compra-os-direitos-e-orphan-black-no-brasil-32820>>. Acesso em: 03 mai. 2019.

RANZI, Thais Cristine. **Gêneros e Estudos Culturais: Uma Análise da série Orphan Black**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre. 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/147512/000999186.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais LTDA., 2010. p. 47-57. (Coleção Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Série Didáticos ; n. 1).

SANTOS, Fabiana. **Você conhece uma Soccer Mom?**. Disponível em: <<http://tudosobreminhamae.com/blog/2014/6/9/voc-conhece-uma-soccer-mom>>. Acesso em: 03 abr. 2019.



SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 03 abr. 2019.

SILVA, Ana Priscila Celedonio; CAVALCANTE, Lidia Eugenia; NUNES, Jefferson Veras. Informação e Memória: aproximações teóricas e conceituais. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 23, n. 52, p. 95-106, mai./ago., 2018.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **Galaxia**, São Paulo, n. 27, jun. 2014, p. 241-252.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Resenha CANDAU, Joel. Memoria e Identidad. **História**, São Paulo, vol. 29, 2010. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/282235407\\_Resenha\\_CANDAU\\_Joel\\_Memoria\\_e\\_Identidad](https://www.researchgate.net/publication/282235407_Resenha_CANDAU_Joel_Memoria_e_Identidad)>. Acesso em: 05 abr. 2018.

TADEU, Victor. **HQ baseada na série Orphan Black chega no Brasil**. Disponível em: <<https://desencaixados.com/noticias/hq-baseada-na-serie-orphan-black-chega-no-brasil/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

WHITE, Leslie Alvin. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. p. 9-22.

ZONTA, Isabella Sinqueira. **Representações do Feminino na Série Orphan Black**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo na Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense). Niterói. 2016. Disponível em: <<http://www.comunicacao.uff.br/wp-content/uploads/2016/07/TCC-ISABELLA-ZONTA.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2018.